

A ESTRATÉGIA DA RÚSSIA

*Por George Friedman**



Comboio de veículos blindados da Rússia em deslocamento ao longo de uma estrada na Crimeia (AP).

Se estratégia de Moscou for enfraquecer a OTAN, com o que a Ucrânia cairia em seu colo, os russos foram totalmente honestos ao afirmar que não pretendem atacar o país.

Se observarmos o comportamento da Rússia em torno da Ucrânia, sua estratégia se torna clara – ou tão clara quanto a geopolítica. O acúmulo de tropas começou meses atrás. Com o tempo, os EUA e seus aliados da OTAN começaram a perceber que algo poderia estar acontecendo. Os russos emitiram suas demandas há algumas semanas, pedindo que a OTAN não conceda a adesão da Ucrânia à aliança e que retire armas da Europa Oriental. Em outras palavras, Moscou queria retornar ao *status quo* que mantinha antes da queda da União Soviética.

Surgiu assim uma explicação para o comportamento russo. As exigências de Moscou fizeram parecer que a Ucrânia e a Europa Oriental representavam uma ameaça única para a Rússia que diminuiria se a OTAN abandonasse o navio. Isso é simplesmente falso; mísseis não precisam mais estar próximos de um alvo para serem uma ameaça. Essa exigência, portanto, fazia pouco sentido, exceto no caso que venho pressionando: a Rússia precisa de profundidade estratégica contra um ataque terrestre. Por mais improvável que seja essa ameaça, ela é primitiva e visceral. Essa ameaça seria um pouco diminuída se a OTAN recuasse para oeste, mas seria praticamente removida se as tropas russas eventualmente fossem enviadas para oeste.

O problema com essa linha de pensamento é que a Rússia sabia muito bem que os EUA e seus aliados rejeitariam suas demandas.

Outra teoria era que a Rússia sempre pretendeu invadir a Ucrânia. Queria que os Estados Unidos rejeitassem sua oferta para justificar uma guerra. Os europeus geralmente não querem uma guerra, nem muitos nos EUA. Os russos podem ter acreditado que a rejeição de suas exigências criaria sérias preocupações na Europa, mas não mais do que uma consciência interessada em Washington. Portanto, se desviarmos o foco da Ucrânia, a intenção da Rússia pode ter sido simplesmente dividir a OTAN tão profundamente que não pudesse ser reparada. Considerando que os europeus não estão dispostos a sustentar financeiramente a OTAN, os EUA não confiam que seus membros compartilhem todos os riscos e, com as forças econômicas gerais separando a Europa, a Rússia não precisa se esforçar tanto para dividir a aliança.

Nesse ponto, a Alemanha, líder de fato da Europa, é essencial. Sua economia está atualmente enfraquecida por limites em seu mercado de exportação e desequilíbrios internos da pandemia de covid-19. Um dos fatores estabilizadores de sua economia tem sido a confiabilidade das exportações russas de gás natural, uma confiabilidade que seria reforçada pelo gasoduto Nord Stream 2. A Rússia precisa da receita de vendas para a Europa em geral e para a Alemanha em particular. As ações da Rússia perto da Ucrânia criaram um enigma. A Alemanha – e realmente todos os membros da OTAN – precisa da energia da Rússia, mas não confia na Rússia. Uma guerra pode forçar a Rússia a interromper as exportações para a Europa, deixando à Alemanha e a outros a escolha entre o caos interno e a segurança de longo prazo da Rússia. A Rússia não fez nenhum movimento explícito porque a ideia de um ataque é mais poderosa do que um ataque real.

Isso explicaria por que as exigências russas foram feitas para ser rejeitadas, segurando uma invasão enquanto o medo de guerra aumenta. Desencadearia gestos alemães de solidariedade com a OTAN enquanto se busca com urgência uma solução que pudesse obrigar a Rússia a desistir. Isso explicaria a extraordinária paciência de Moscou com a resposta dos EUA e a promessa de que, apesar da concentração de forças, não haverá guerra. Se a OTAN essencialmente se desintegrar, a Rússia estará em posição de criar uma zona militar neutra e uma zona econômica da qual seja parte integrante e principal fornecedora de energia.

O único ponto contrário a tudo isso é algo em que geralmente não prestamos atenção na geopolítica: a opinião pública. A rejeição total da oferta russa deveria ter dividido os EUA e criado um sentimento antiamericano geral na Europa. Até agora, isso não aconteceu, apesar do fato de que a Rússia geralmente é muito boa em usar divisões sociais e políticas para moldar o comportamento dos países em seu benefício.

As ações e ofertas de Moscou foram pensadas para classificar os EUA como não razoáveis. No entanto, nenhum movimento antiguerra forte surgiu na Europa até agora, e a divisão em Washington continua em vigor. Conduzir a Europa na direção que os russos desejam parece exigir apoio público. Isso negaria margem de manobra aos governos, que é exatamente o que a Rússia precisa fazer.

Esta é uma explicação intrincada para um conjunto de manobras muito complexo. Se a OTAN se romper, os russos acreditam que vão assumir o controle da Ucrânia sem riscos. Do ponto de vista da Alemanha, pelo menos, os benefícios da OTAN não se comparam aos benefícios do acesso ao gás natural. A Alemanha, por exemplo, não pode valorizar a OTAN em detrimento do gás. Moscou adotou uma estratégia de ataque indireto, primeiro enfraquecendo a OTAN, talvez mortalmente, depois esperando que a Ucrânia caia em seu colo. Essa é sua expectativa, mas a Rússia, como outras nações, tem se equivocado com frequência. Os russos foram totalmente honestos quando disseram que não pretendiam atacar a Ucrânia. Eles têm peixes maiores para fritar antes disso.

**George Friedman é analista geopolítico e estrategista de assuntos internacionais mundialmente reconhecido. É fundador e presidente da Geopolitical Futures, um think tank especializado em relações internacionais e política externa americana. É autor de diversas obras, dentre as quais os best-sellers “Os próximos 100 anos” e “A próxima década”.*
